



VII SEMANA
TEOLÓGICA
TEMA: "MEDELLÍN 50 ANOS:
MEMÓRIA, PROFECIA E PERSPECTIVAS"
DATA: 22 a 26 de Outubro de 2018



INTERPRETAÇÃO DE DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO A PARTIR DE MEDELLÍN

Everaldo José de Oliveira¹

Resumo

O presente artigo tem por objetivo compreender e interpretar a II Conferência de Medellín, por meio do seu documento conclusivo e outros trabalhos sobre o assunto, refletir sobre o diálogo inter-religioso, pluralismo e ecumenismo. Medellín se baseou sobre o papel da Igreja em contexto continental, a preocupação com os problemas sociais dessa população e como a Igreja deve se portar diante da contemporaneidade. Tentar entender a importância desse grandioso evento para Igreja moderna é desafiador e prazeroso ao mesmo tempo, compreender a importância de um tema complexo em seu contexto de humanidade é, sobretudo, uma responsabilidade em meio a intolerância moderna entre religiões.

Palavras-Chave: II Conferência de Medellín. Diálogo inter-religioso. Ecumenismo.

INTRODUÇÃO

A II Conferência de Medellín marcou profundamente a história da Igreja Católica do continente, nela tratou-se de assuntos não tratados antes em outras conferências.

A Conferência foi aberta pelo Papa Paulo VI no dia 24 de agosto de 1968, com seu discurso pronunciado em Bogotá, sede do Conselho Episcopal da América Latina (CELAM).

O diálogo inter-religioso instiga as religiões na busca da paz e da justiça, é necessário buscar essa relação de harmonia entre instituições cristãs e não cristãs para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária que baseia sua existência na imagem de Deus.

Medellín apresenta em vários seguimentos de seus textos, direcionados a diferentes pastorais da igreja, uma preocupação em estar continuamente inserindo o ecumenismo na vida dos fiéis e lembrando que a intolerâncias entre irmãos de instituições distintas não é o caminho para a caminhada rumo ao mundo de paz.

Cada religião possui sua própria "teologia", uma forma individual e característica de pensar e ver a fé, respeitar essa maneira de ser de cada um é um desafio da atualidade, pois a intolerância religiosa tem se tornado frequente entre os povos.

¹ Aluno do Programa de Pós-Graduação em Teologia da UNICAP. E-mail: everaldojo@outlook.com

INTERPRETAÇÃO DE DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO A PARTIR DE MEDELLÍN

Depende de cada um enxergar o diálogo inter-religioso como positivo ou negativo. Parte do próprio ser humano e de sua educação religiosa a maneira de julgar seus conceitos sobre como conviver com os irmãos de outras religiões.

As diversas religiões sentem o desejo de obter um relacionamento harmonioso umas com as outras. Nenhuma tem mais a supremacia absoluta sobre a outra e a particularidade e a diversidade de cada uma é uma característica do pluralismo dos novos tempos.

Medellín é um exemplo de que a intolerância religiosa está ultrapassada, a contemporaneidade revela um jeito novo de ser igreja e aceita o outro como imagem e semelhança de Deus, sem rótulos de religião ou dogmas de fé.

Assim, esse texto baseia-se na importância da II Conferência de Medellín e trás uma interpretação própria de como Igreja atual deve atuar em relação ao diálogo com outras instituições.

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO A PARTIR DA CONFERÊNCIA DE MEDELLÍN

O diálogo inter-religioso surge, nos tempos atuais, como um desafio grandioso. O Episcopado, reunido na Conferência Geral Latino-Americana (1968) em Medellín, trouxe uma atenção central para o homem moderno, ele não deixou de lado as pessoas desse continente, mas, teve um olhar carinhoso para com elas, tomando consciência de que o mistério de Deus se revela em cada homem (Cf.: PANASIEWICZ, 2018).

O diálogo inter-religioso provoca as religiões e as estimula para a construção da paz e da justiça. Privar-se dessa prática pode comprometer ainda mais a sobrevivência humana, pois tal diálogo objetiva novas formas de relação e convívio. Por isso, Medellín, traz um importante e significativo passo na busca da reflexão teológica a respeito do diálogo inter-religioso (Cf.: Med. 1968). “Medellín dá à Igreja na América Latina uma palavra própria, uma fisionomia autóctone, deixando de ser uma 'Igreja universal' para constituir-se numa fonte inspiradora e programática para suas Igrejas Locais” (BRIGHENTI, 2009, p. 426).

As diferentes religiões sentem a necessidade de obter um relacionamento harmonioso umas com as outras. Nenhuma tem mais a supremacia absoluta sobre a outra e a particularidade e a diversidade de cada uma é uma característica do pluralismo dos novos tempos (Cf.: SANCHEZ, 2015).



INTERPRETAÇÃO DE DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO A PARTIR DE MEDELLÍN

A prática do diálogo inter-religioso traz consigo esse tema, o pluralismo religioso. Geralmente a ideia que uma religião tem de si mesma e das outras, direciona ao diálogo inter-religioso de alguma maneira. Esse tema deixa traços para a reflexão teológica atual de muitas religiões, principalmente, da Igreja Católica. Cada religião, em geral, possui suas perspectivas e/ou teologias sobre o pluralismo religioso, e interferindo nas dinâmicas que uma determinada instituição religiosa se propõe ao buscar realizar o diálogo inter-religioso (Cf.: SCHULTZ, 2013).

O pluralismo religioso deve ter uma concepção, para as pessoas, de que não se trata apenas de um fato contextual ou contemporâneo, e sim uma realidade definitiva, que dependendo da forma de se analisar pode ser positivo ou negativo (Cf.: WOLFF, 2015).

Essa relação inter-religiosa vem acompanhada de novas possibilidades e abertura ao aprendizado o que é indispensável para as religiões. Sem essa intercomunicação não há como entender o universo de cada religião, tem que existir abertura e compreensão entre elas. É fundamental conhecer outros conceitos religiosos para ajudar afirmar a fé na sua própria religião. Para isso, a “gentileza espiritual” é essencial para o respeito e aproximação entre as religiões. É converter-se ao universo do outro e entender os princípios que baseiam sua crença. Não é fácil, mas é preciso (Cf.: TEIXEIRA, 2016).

O diálogo inter-religioso é uma atitude de profunda busca, uma certeza de que se caminha em solo santo. Não é uma curiosidade somente, faz parte de uma peregrinação de plenitude pessoal que se adquire ultrapassando as fronteiras das tradições. É uma partilha de vida, conhecimento e experiência. Ele acontece entre pessoas que estão arraigadas e comprometidas com sua fé exclusiva, mas disponível a compartilhar com a fé do outro (Cf.: GUIXOT, 2017).

A maior dificuldade ao diálogo parte de pessoas ou grupos que se julgam auto-suficientes e arrogantes. No recinto da Igreja Católica, percebe-se que na contemporaneidade há uma sensibilidade diferente para o tema do pluralismo religioso, surgindo à necessidade de uma reflexão teológica atual. Não há mais como desconhecer sua importância e as experiências plurais de sentido religioso. É o Pluralismo que revela a experiência religiosa contemporânea e a impossibilidade de conceber uma única religião portadora da verdade plena (Cf.: BEOZZO, 2005).

Há uma dificuldade grande de muitos setores e movimentos da Igreja Católica em reconhecer o pluralismo religioso de uma maneira positiva. O pluralismo

INTERPRETAÇÃO DE DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO A PARTIR DE MEDELLÍN

religioso é uma característica da vida moderna, ele marcou presença no Vaticano II e, posteriormente, nas conferências episcopais em nosso continente. Ele traz consigo incertezas e desestabilizações; por isso, desperta resistências e desconfortos para a sua prática (Cf.: PHAN, 2014).

A superioridade é uma barreira a ser vencida e só pode ser superada com a real experiência de humildade. A verdade não pode ser entendida como posse, mas como uma convicção que pertence a todos.

Há na base do diálogo a percepção do valor da diversidade, e de que ela traduz a riqueza da experiência humana. O diálogo só pode acontecer quando se reconhece e respeita a alteridade do interlocutor, bem como o valor de sua convicção. Não há possibilidade de reduzir o mistério do outro ao domínio do particular e à lógica da assimilação. O outro humano é um patrimônio de mistério, que se revela a cada momento, deixando sempre adiante uma nova virtualidade a ser captada (TEIXEIRA, 2006).

O diálogo inter-religioso conjectura a fidelidade ao engajamento da fé e a si mesmo. A compreensão dialogal deve vir acompanhada de um referencial sólido. Não é colocando a fé em um vácuo que se aproxima do universo do outro. Ele ganha sustentação e riqueza quando acompanhado pelo compromisso de identidade. Para conversar ninguém precisa se desligar de seus conceitos e opiniões sobre a fé. Trata-se de um identitário aberto que exige respeito à própria tradição, propostas devem estar sempre dispostas a aceitação, mas referenciadas por fundamentos enraizados (Cf.: SILVA, 2013).

Um exemplo disso é que de todas as Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano, Rio de Janeiro, Puebla e Santo Domingo, foi em Medellín que os cristãos não católicos compareceram em maior quantidade, onze no total, enquanto nas demais, somando o total de todas só chegou ao número de oito. A atmosfera da conferência foi extremamente positiva, em um clima harmonioso de comunhão, que por sua vez levou aos observadores não católicos a solicitarem, em uma carta à Presidência, a eucaristia como conclusão dos trabalhos semanais (Cf.: BEOZZO, 2005).

É um tema amplo por isso deve ter uma fé madura e profunda. Os cristãos buscam a unidade, acreditam que ela é um caminho a escolher, alcançá-la é cumprir um desejo de Cristo Jesus: “Que todos sejam um, para que o mundo creia” (Jo 17).



INTERPRETAÇÃO DE DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO A PARTIR DE MEDELLÍN

São as pessoas que sabem reconhecer e encontrar o valor de suas tradições e aprofundamento permanente das mesmas, que estão mais bem posicionadas a avaliar e apreciar o mérito de outras tradições. Para que haja diálogo, os interlocutores devem estar abertos ao aprendizado e dispostos a compreender os ensinamentos do outro, que ambas as partes busquem a verdade (Cf.: PERRIN, 2005).

Esse encontro com o outro leva a possibilidades de captação de como ele enxerga o Divino. Há mais verdade em todas as religiões juntas do que em uma só. Existem várias formas de experiência com Deus que não estão abordadas pelo cristianismo, pois em cada uma Deus se revela diferentemente. A gratuidade de Deus se dá em diferentes lugares, é um caminho misterioso que se revela em diversas formas nas diferentes religiões cristãs (Cf.: SILVA, 2013).

A gratuidade Divina é um mistério que ninguém pode julgar, o outro a recebe igualmente à medida que Deus achar necessário agir em sua vida.

Houve em Medellín uma preocupação ecumênica grandiosa, isso pode ser observado na Mensagem aos Povos da América Latina, onde foi dirigida aos homens de boa vontade:

De maneira especial nos dirigimos às Igrejas e comunidades cristãs que participam conosco de uma mesma fé em Cristo Jesus. Durante esta conferência, irmãos nossos dessas confissões cristãs estiveram participando de nossos trabalhos e esperanças. Junto com eles seremos testemunhas deste espírito de colaboração (CELAM).

No documento de Catequese: “Deve-se ressaltar o aspecto totalmente positivo do ensino catequético com seu conteúdo de amor. Assim se fomentará um só ecumenismo, evitando toda polêmica, e criar-se-á um ambiente propício à justiça e à paz”. (Med. 9, 11); no de Liturgia completa-se: “promovam-se as celebrações ecumênicas da Palavra de acordo com o Decreto sobre o Ecumenismo n. 8 e segundo as normas do Decreto nn. 33-35” (Med. 9, 14). A preocupação é uma só, gerar uma humanidade de paz. Por isso, na maior parte dos Documentos há algo que explicita o ecumenismo.

O diálogo poderia ser considerado uma espécie de intercâmbio teológico, missão privilegiada da Igreja, mas, não é. Todos os membros, cristãos ou não, são chamados ao diálogo mesmo que não seja da mesma forma.



INTERPRETAÇÃO DE DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO A PARTIR DE MEDELLÍN

[...] em qualquer diálogo inter-religioso genuíno, os cristãos devem dar testemunho de Jesus. Entretanto, uma das pedras de tropeço em diálogos com pessoas não cristãs é o que Dominus Iesus chama de “unicidade” e “universalidade salvífica” de Jesus como salvador. Como profissão de fé, uma reivindicação de unicidade e universalidade a respeito do salvador de uma pessoa (Jesus) e até da religião dela (cristianismo) não deveria causar dificuldade nem escândalo, contanto que esteja claro que se trata de uma reivindicação de fé, com igual ênfase em “reivindicação” e em “fé”, e não de um argumento racional em favor de um fato empírico, cientificamente verificável (PHAN, 2014).

O contato com os irmãos leva a múltiplas respostas de experiências religiosas, tais respostas podem dar vida a discussões sobre a crença, levando ao estreitamento das relações.

O diálogo inter-religioso não se principia de interesses escondidos. Ele não deve ser apreciado como uma simples preparação para anunciar Cristo Jesus e convidar as pessoas a tornarem-se membros da Igreja através do batismo.

Tem o seu objetivo no garantir que as pessoas de diferentes religiões possam viver em harmonia e paz, que elas possam se entender melhor, trabalhar em conjunto para o benefício da humanidade e ajudar uns aos outros a responder ao chamado de Deus (Cf.: GUIXOT, 2017).

Em todos os lugares os cristãos se inter-relacionam em distintas religiões. A vivência em harmonia deve ser um objetivo a ser alcançado pela Igreja buscando o respeito entre homens e mulheres. É importante que haja esse entendimento, pois o mundo está cada vez mais próximo no sentido de ter aumentado as migrações e tecnologias. A convivência com outras culturas e tradições é uma realidade que penetra na consciência cristã. É uma incitação a compreensão da fé, as igrejas locais e paróquias e a diversos fiéis (Cf.: SILVA, 2013).

A Igreja deve estar centrada no serviço a todos os seres humanos e ecumenicamente situada na luta pela dignidade e vida das pessoas, desde os mais pobres, maioria excluída, até a minoria rica. A Igreja tem que ser aberta para cooperar com outras instituições, movimentos sociais, igrejas e com todo povo de Deus que busca uma sociedade democrática, pluralista, participativa e justa. Isso faz com que o ecumenismo se torne mais amplo, principalmente no empenho pela vida, tão ameaçada e diminuída, sem colocar empecilhos nessa cooperação, com o único objetivo de transmitir a paz, a justiça e a sobrevivência (Cf.: SCHULTZ, 2013).

INTERPRETAÇÃO DE DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO A PARTIR DE MEDELLÍN

Essas conversas sobre outro fundamento religioso com os irmãos instigam o entendimento sobre como vivenciar a fé de forma mais íntima, respeitosa e integrada para, assim, ser colaboradores de Cristo. O respeito parte do conhecimento do valor do outro enquanto ser humano que pertence à família de Deus, que é filho do Pai independentemente de suas crenças. Podemos dizer que o diálogo inter-religioso tem como função construir uma sociedade que não esteja baseada na cultura do descartável, que seja uma forma de buscar a paz entre os povos (Cf.: SILVA, 2013).

A construção da paz é a finalidade do diálogo. Caso contrário, o diálogo inter-religioso seria simplesmente um exercício intelectual, uma experiência de elite religiosa e cultural, ou uma conversa interessante. Amadurecer no diálogo, na compreensão da humanidade, na esperança de um mundo mais justo é a missão das multirreligiões para tornar a convivência melhor (Cf.: WOLFF, 2005).

Ações valem mais do que palavras, principalmente onde há desconfianças, violências, guerras, desprezo, desigualdade. Um abraço, um sorriso, um aperto de mãos são o caminho para começar um diálogo pacífico e compreensível.

Em Medellín, apontou-se para os desafios dos nossos tempos que é iniciar o diálogo religioso com outras religiões não cristãs presentes nesse continente, principalmente com as afro-americanas e as indígenas, que, segundo o texto, passaram muito tempo sendo ignoradas e marginalizadas, e, apresentaram a existência de preconceitos e incompreensões como oposição para dialogar (Cf.: Med. 1968).

O santo dos nossos tempos, João Paulo II, fez do diálogo inter-religioso uma habilidosa maneira de aproximação com os irmãos de outras entidades. Gestos proféticos como a visita a sinagoga de Roma, encontros com budistas e muçulmanos, Dia Mundial pela Paz em Assis, visita a Terra Santa, colocação de uma oração numa fenda do Muro Ocidental como súplica a Deus pelos pecados cristãos contra os judeus trouxeram um sentimento de paz e harmonia (Cf.: SANCHEZ, 2015).

Em um mesmo nível de realidade, religiões diferentes seriam possivelmente antagônicas e excludentes, mas se considerarmos um outro nível ao menos, surge um “terceiro”, anterior e exterior, que, incluído, as pode reconciliar. Trata-se da base antropológica que nos constitui a todos e exige uma hospitalidade e comunhão ética, ou da



INTERPRETAÇÃO DE DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO A PARTIR DE MEDELLÍN

altitude mística para cujo silêncio e sonho comum colaboram os sons de todas as tradições espirituais (ARAGÃO, 2017).

No caso específico do diálogo inter-religioso, quando se afirma que esse tema deve ser transversal no fazer teológico e no fazer pastoral, parte-se do pressuposto de que o pluralismo cultural - transfundo do pluralismo religioso - é um dado característico de nossa época. (Cf.: SANCHEZ, 2015).

Promover a unidade entre igrejas e religiões, embora existam diferenças, é um ato de respeito. Lembrar que o mundo é uma casa comum a todos os filhos e filhas de Deus e que essa relação de irmãos deve ser harmoniosa segundo a vontade do Pai é a melhor maneira de estabelecer a paz entre as nações.

Diálogo não significa unificação das religiões e igrejas, menos ainda mistura de crenças e celebrações. É manter sua identidade própria, sem deixar de lado as diferenças religiosas e críticas entre as partes envolvidas. Mas, por isso que diálogo significa respeitar o diferente (Cf.: PENASIEWICZ, 2018).

Esclarecer que diálogo não exclui a crítica a outras religiões é uma forma de liberdade e de compromisso em nos corrigir mutuamente. Mas, essa crítica é relativa de acordo com a fé de cada um. Nada deve atrapalhar a experiências das pessoas com Deus independentemente em qual religião se encontrem, mesmo que essa religião esteja trazendo constrangimento a essas pessoas, não podemos julgar a profundidade da experiência que elas estão tendo com Deus.

As religiões não se encontram em seus elementos externos, mas em suas interioridades. O espírito de oração em uma religião, por exemplo, tem mais sintonia com o espírito de oração de outra religião do que as normas litúrgicas que orientam a oração em cada uma delas (WOLFF, 2015).

O diálogo é uma inovação para o magistério e para a reflexão teológica, põe em questão as possíveis maneiras de apresentar Deus além das fronteiras da instituição eclesial, por isso é necessário valorizar cada particularidade das religiões (Cf.: TEIXEIRA, 2016).

A intercomunicação das diferentes religiões deve acontecer na espiritualidade que as motiva profundamente. Não há diálogo quando se despreza o que é definido nas tradições religiosas, quando repudia o valor de cidadania ao pluralismo religioso.

INTERPRETAÇÃO DE DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO A PARTIR DE MEDELLÍN

O pluralismo religioso estabelece relações com outras religiões, isso conduz a uma troca recíproca de experiências. O exercício dialogal implica no reconhecimento do valor de certeza do outro e que essa tem fundamento na experiência de revelação com Deus. Não é honesto com outras tradições religiosas limitar o falar de Deus para um único grupo católico. Todos têm o direito de ser “íntimo” de Deus, à medida que Ele achar necessário se deixar aproximar-se independentemente de valores religiosos (Cf.: PHAN, 2014).

O diálogo inter-religioso se dá a partir da experiência de cada um e de sua fé. Deve haver base sólida para dialogar respeitando o pensamento do outro e suas propostas de fé. Deus se revela a todos da mesma forma independentemente de religião, cabe a cada um reconhecer o mistério de Deus em sua vida e colocá-lo a disposição do bem, dos irmãos mais necessitados e da convivência em paz e harmonia (Cf.: PENASIEWICZ, 2018).

Para dialogar com os irmãos, primeiramente, deve-se dialogar com Deus para poder identificar quais seus desejos, suas vontades. Só assim colocaremos em prática com segurança todos os projetos de unificação da humanidade, sem guerras, violências, discriminações. Dialogar é preciso! E manter a mente “aberta” para o novo também, todavia usando de inteligência para saber distinguir o verdadeiro diálogo da imposição da opinião própria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O rosto da atualidade na Igreja da América Latina e do Caribe é o espelho de como os tempos modernos nos levam a uma abertura da mente para rever conceitos e dogmas já instituídos dentro do âmbito eclesial. As comunidades eclesiais de base, as riquezas ministeriais, a opção da igreja pelos jovens e pelos pobres, as celebrações da Palavra de Deus, suas diversas pastorais, movimentos e serviços, sua teologia de libertação que vai se dividindo em uma teologia indígena, afro-americana, de mulheres, se tornaram, a partir de Medellín, o novo rosto da igreja atual.

Após o Concílio de Medellín, surgiram pastores, que em suas igrejas, souberam dar continuidade, de maneira profética, a caminhada em busca da paz igualitária com respeito as ideias e ideais do outro, abertos ao diálogo e compreensão das bases de fé dos irmãos de outras instituições religiosas.



REFERÊNCIAS:

ARAGÃO, G. Para Reformar a Reforma: Em Busca de Novas Lógicas para o Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso. **Paralelos**, revista eletrônica em ciência da religião, vol. 8, n. 18. UNICAP, 2017.

BEOZZO, J. O. Vaticano II e as transformações culturais na América Latina e Caribe. In: **Religião e Cultura**. Departamento de teologia e Ciências da religião PUC-SP IV, n. 8 (jul/dez). São Paulo: EDUC-Paulinas, 2005.

BRIGHENTI, A. O contexto de uma ousadia que continua fazendo caminho: a propósito dos 40 anos de Medellín. **Revista Pistis e Praxis**, Curitiba, v.1, n. 2, p. 415-134, jul.-dez. 2009.

DOCUMENTO DE MEDELLÍN. **Presença da Igreja na Atual Transformação da América Latina: à luz do Vaticano II**. Conclusões da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Medellín, Colômbia, 1968.

GUIXOT, M. A. A. **Documento sobre Diálogo Inter-Religioso**. Curso Anual dos Bispos do Brasil, 2017.

PANASIEWICZ, R. Medellín: Fonte de Inspiração para uma Metodologia do Diálogo Inter-Religioso. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 16, n. 50, p. 677-697, maio/ago. 2018.

PERRIN, C. L. Conversão no Contexto inter-religioso: Uma Perspectiva Missológica. **Estudos Teológicos**, v. 45, n. 2, p. 61-80, 2005.

PHAN, P. C. **Diálogo Inter-Religioso: 50 anos do Vaticano II**, ano XI, n. 86, vol. 11, 2014.

SANCHEZ, W. L. Pela Transversalidade do Diálogo Inter-Religioso na Teologia e na Pastoral. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 13, n. 40, p. 1982-2008, out./dez. 2015.

SCHULTZ, A. **Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso**. Sl. 2013.

SILVA, J. B. **Diálogo Inter-Religioso: tensões e perspectivas na interpretação da Instrução Diálogo e Anúncio à luz da proposta teológica de Jacques Dupuis**. Dissertação (Mestrado). UNICAP, Recife, 2013.

TEIXEIRA, F. **Diálogo Inter-Religioso, Ontem e Hoje**. PPCIR-UFJF, 2016.

WOLFF, E. Elementos para uma Espiritualidade do Diálogo Inter-Religioso. **Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 81-111, jan./abr. 2015.

